

A CONSTRUÇÃO DE PALAVRAS E A ARQUITETURA DA FACULDADE DA LINGUAGEM, DE LUCIA LOBATO

Por Bruna Elisa da Costa Moreira

Mestre em Linguística (Universidade de Brasília – UnB)

Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade de Brasília/UnB

A obra *A construção de palavras e a arquitetura da faculdade da linguagem*, publicada em 2010, corresponde ao Volume 1 da Coleção Lucia Lobato, que tem como objetivo divulgar o pensamento teórico desta ilustre linguista brasileira, pioneira na investigação e difusão da Teoria Gerativa no Brasil. São responsáveis pela curadoria do acervo e da obra de Lucia Lobato as professoras Heloisa Salles, Rozana Naves, Eloisa Pilati e Helena Guerra Vicente, da Universidade de Brasília (UnB). A publicação tem como consultora *ad hoc* a professora Esmeralda Negrão, da Universidade de São Paulo (USP), que assina o prefácio do Volume 1.

A obra é dividida em 13 capítulos, além da apresentação e das observações finais. Originou-se de dois artigos manuscritos, posteriormente organizados em capítulos, que abordam a relação dos diversos módulos da gramática – entendida como um componente da mente humana –, no processo de construção de palavras. Conforme Lobato (SALLES *et al*, 2010, p. 17),

a distinção tradicional entre morfologia e sintaxe como o estudo das palavras e seus constituintes, para aquela, e o estudo da combinação de palavras para formar sintagmas, orações e frases, para esta, nunca resistiu a uma análise mais aprofundada. De um lado, há palavras simples, que, como tais, seriam do âmbito da morfologia, mas que apresentam flexão interna resultante de concordância, sendo a concordância um fenômeno sintático. Esse é o caso do determinante *qualsquer* em português, que carrega uma marca interna de flexão por concordância.

A autora fundamenta-se nessa ideia para defender a autonomia da morfologia em relação à sintaxe e constrói seu percurso de argumentação a partir da discussão dos trabalhos de Chomsky (1970), Di Sciullo e Williams (1987), Kiparsky (1982), Fabb (1984), entre outros autores. No entanto, Lobato detém-se particularmente no estudo de três teorias morfológicas contemporâneas: a Teoria A-morfa, de Anderson (1992); a Teoria Lexicalista Estrita de Lieber (1992); e a Teoria da Morfologia Distribuída de Halle e Marantz (1993).

Ao confrontar essas diferentes visões teóricas, Lobato defende que todas são problemáticas no que se refere à definição do seu objeto de estudo e da natureza dos módulos envolvidos na construção de palavras. Assim, propõe um modelo próprio, que pretende superar as dificuldades encontradas nas abordagens prévias.

A proposta de Lobato (SALLES *et al*, 2010, p. 55) é a de que “existe um módulo Morfologia da FL, independente da Sintaxe e autônomo, mas não um módulo Léxico, e que o que é atribuído ao léxico está localizado em diferentes módulos, um deles sendo a Estrutura Conceptual”. O módulo Morfologia seria o construtor de palavras, responsável por atribuir acento primário e forma morfológica às palavras. As evidências que dão suporte ao modelo de Lobato provêm de dois fatos do português: a expressão do gênero e a derivação do tempo futuro.

Segundo a *Apresentação* da obra, esta traz, “para o leitor atento, uma amostra do próprio ‘fazer ciência de Lucia Lobato’ [...] Para os que não conhecem seu trabalho, uma oportunidade de aprender como construir o percurso da argumentação científica em uma área do conhecimento”. (SALLES *et al*, 2010, p. 9)

No capítulo 1, *Introdução*, os objetivos gerais do trabalho são apresentados. Nele, a autora observa a dificuldade de caracterizar os conceitos de morfologia e léxico na teoria e destaca a divergência existente entre os linguistas. O capítulo 2, *A questão da construção de palavras: derivação lexical e derivação sintática*, discute a Hipótese Lexicalista para a formação de palavras a partir do clássico artigo de Chomsky (1970), *Remarks on nominalization*.

O que é a Morfologia?, capítulo 3 da obra, dedica-se à discussão de três teorias morfológicas: a Teoria A-morfa de Anderson (1992), a Teoria Lexicalista Estrita de Lieber (1992) e a Teoria da Morfologia Distribuída de Halle e Marantz (1993). Ao final desse capítulo, Lobato apresenta uma síntese das diferentes concepções de morfologia discutidas. O 4º capítulo, *O que é o Léxico?*, discute o conceito de léxico, que, segundo Lobato (SALLES *et al*, 2010, p. 39), tem recebido “diferentes tratamentos na literatura, e às vezes numa mesma obra”. Ao final desse capítulo, a autora também apresenta uma síntese das diferentes concepções de léxico presentes na literatura.

No capítulo 5, *Problemas com as concepções contemporâneas de Morfologia e de Léxico*, Lobato (SALLES *et al*, 2010, p. 45) apresenta críticas aos diferentes modelos teóricos de morfologia analisados, observando “a profusão de conceitos sobre Morfologia e Léxico na literatura linguística”. A autora argumenta que todas as concepções teóricas analisadas nos

capítulos 3 e 4 apresentam problemas e fundamenta sua crítica a partir de uma visão naturalista e orgânica da linguagem, sobre a qual os módulos envolvidos na FL devem ter (1) um objeto determinado e (2) uma função precípua.

Assim, a autora conclui que nenhuma das teorias analisadas satisfaz plenamente a esses dois critérios, uma vez que existe confusão quanto à definição e à delimitação do objeto, bem como à função de determinado módulo da gramática. Essa observação, que é o cerne da crítica de Lobato, também é a base para que a autora elabore o seu modelo de análise.

O capítulo 6, *Afinal, o que são a Morfologia e o Léxico?*, apresenta sua proposta: Lobato defende a existência de um módulo Morfologia na FL, independente do módulo Sintaxe e autônomo, responsável por construir a estrutura mórfica das palavras. Contudo, para a autora, não existe um módulo Léxico, e o que se atribui a ele está localizado em diferentes módulos, um deles a Estrutura Conceptual, um sistema gerador de estruturas semânticas. Nesse sentido, Lobato (SALLES *et al*, 2010, p. 46) salienta que o léxico seria “simplesmente uma questão de memória”.

No capítulo 7, *A favor de uma Morfologia autônoma da Sintaxe*, a autora desenvolve a argumentação em favor de sua proposta, apresentando evidências de que as palavras podem ser construídas tanto pela Morfologia quanto pela Sintaxe, uma vez que ambas estariam envolvidas no processo de construção de palavras. No 8º capítulo, *Morfologia, Sintaxe e Estrutura Conceptual*, há a elaboração da ideia de que o sistema conceptual é gerador de informação semântica, enquanto a Morfologia e a Sintaxe são simples processadores dessa informação, responsáveis pela conversão de estruturas conceptuais em estruturas morfológicas e sintáticas.

Os capítulos seguintes tratam de prover evidências empíricas ao modelo de Lobato. No capítulo 9, *A expressão do gênero em português*, a autora apresenta a análise da expressão do gênero por vogais temáticas manifestas no português em diferentes contextos: (i) substantivos primitivos (urso/a); (ii) adjetivos (pequeno/a); (iii) participípios em uso passivo ou adjetival (lido/a); (iv) deverbais não-afixais (compra, entrega); e (v) deverbais participiais (saída). Lobato mostra que cada uma dessas classes apresenta um tipo de comportamento e defende que cada uma delas corresponde a um processo de construção de palavra. As implicações dessa proposta são discutidas em detalhe no capítulo 10, *O gênero e os módulos envolvidos na geração de palavra*, no qual defende que as diferenças observadas em cada processo dizem respeito aos módulos usados na derivação da palavra: com ou sem apelo à informação sintática.

O 11º capítulo, *A forma da teoria e os níveis de representação envolvidos na geração de palavra*, explicita os diferentes níveis de representação pressupostos na teoria da gramática adotada na obra. O capítulo 12, *A distinção Morfologia/Sintaxe na geração do futuro*, investiga dois tipos de expressão do tempo verbal futuro no português: (i) a morfológica (cantarei) e (ii) a perifrástica (vou cantar). Lobato considera que a interpretação temporal depende de certa configuração estrutural de traços abstratos (semânticos e formais). Portanto, os dois tipos de futuro analisados compartilhariam essa estrutura, podendo haver variações que expliquem suas particularidades semânticas.

Por fim, a obra encerra-se com o capítulo 13, em que é feita uma síntese da proposta apresentada e uma discussão das implicações de sua visão de gramática, que “integra os diferentes níveis hjelmslevianos de análise numa perspectiva gerativa minimalista” (SALLES *et al.*, 2010, p. 112). A autora conclui que a informação lexical usada pela Morfologia na derivação de palavras ora provém da Estrutura Conceptual, ora da Sintaxe, e que as palavras se formam na Morfologia caso sejam portadoras de acento, e na Sintaxe, caso sejam átonas.

O Volume 1 da Coleção Lucia Lobato representa uma contribuição importante aos estudos linguísticos, especificamente ao debate sobre a natureza dos processos de construção de palavras. Marcada pelo rigor acadêmico e pela originalidade, características do trabalho de Lucia Lobato, a obra apresenta, aos leitores interessados, análises de diferentes teorias morfológicas contemporâneas, reflexões sobre o conceito de léxico e o lugar da morfologia na gramática, além de análises inovadoras de fatos do português, revelando a natureza de processos morfológicos particulares da língua de forma articulada aos princípios mais gerais da gramática.

REFERÊNCIA

SALLES, Heloisa Maria M. L. Salles [*et al.*] (Orgs.). *A construção de palavras e a arquitetura da faculdade da linguagem*. v.1. Coleção Lucia Lobato. Brasília: Link Comunicação e Design, 2010. 118p.